



Fundação Carlos Chagas

TEXTOS FCC

N.º 2/89

**A IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO:
ESTADO DA ARTE**

**Esmeralda Vailati Negrão
Tina Amado**

Departamento de Pesquisas Educacionais

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Nº 2/89

A IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO:
ESTADO DA ARTE

Esmeralda Vailati Negrão

Tina Amado

junho/1989

São Paulo

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

DIRETORIA

Rubens Murillo Marques
Diretor Presidente

Gerhard Malnic
Diretor Vice-Presidente

Nelson Fontana Margarido
Diretor Secretário Geral

Catharina Maria Wilma Brandi
Diretora Secretária

Reinholt Ellert
Diretor Tesoureiro Geral

Eugênio Aquarone
Diretor Tesoureiro

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

Coordenação

Bernardete Angelina Gatti

Ficha Catalográfica elaborada pela
Biblioteca Ana Maria Poppovic

NEGRÃO, Esmeralda V. & AMADO, Tina

N296i

A imagem da mulher no livro didático: es
tado da arte/Esmeralda V. Negrão e Tina Ama
do. - São Paulo: DPE/FCC, 1989.

: quadros - (textos FCC; 2)

Bibliografia

1. MULHER - BIBLIOGRAFIA 2. LIVRO DIDÁTICO-BIBLIOGRAFIA 3. PAPÉIS SEXUAIS 4. BIBLIOGRAFIA I. Amado, Tina II. Título

CDU 396:159.922.1(016)

INTRODUÇÃO

Nos anos 70, feministas e pesquisadoras tiveram a atenção despertada para o sexismo nos materiais didáticos através da literatura estrangeira a respeito, especialmente de língua francesa e inglesa. Em seguida, a difusão da metodologia de análise de conteúdo e a ênfase dada à escola como aparelho ideológico permitiram o surgimento de trabalhos que, sem se limitar ao sexismo, incluíam a discriminação da mulher entre os temas a serem denunciados, na escola e nos livros escolares. Apenas na virada dos anos 80 é que surgiram com mais frequência estudos focalizando especificamente a imagem da mulher, da forma como é veiculada pelos livros didáticos.

À medida que se alarga a distribuição gratuita, por parte de órgãos governamentais, de dezenas de milhões de exemplares em todo o Brasil, aumenta, tanto por parte de órgãos administrativos, como de estudiosos e profissionais envolvidos, a discussão sobre a qualidade desse material didático.

No quadro dessas preocupações, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher — CNDM — incluiu, em suas atividades de 1986, o desenvolvimento de um subprograma referido ao livro didático, pretendendo discutir alternativas para sua reformulação no que tange à representação da mulher na família e na sociedade.

O primeiro passo nesse sentido constituiu-se na identificação de todos os estudos e pesquisas realizados no país sobre a imagem da mulher nos textos escolares.

Por solicitação do Conselho, a Fundação Carlos Chagas elaborou o presente levantamento bibliográfico*, contendo o maior número de referências disponíveis a respeito do assunto. O arrolamento não se pretende entretanto completo, aguardando retorno suscitado pelo próprio levantamento.

Este trabalho** consta de três partes. Na primeira são expostos a delimitação do tema, as fontes consultadas e os procedimentos empregados.

A segunda parte constitui o levantamento bibliográfico propriamente dito, apresentando os trabalhos encontrados, divididos em dois grupos: livros, pesquisas e dissertações, que são acompanhados de resenha crítica; artigos de periódicos e demais textos mimeografados, que são apresentados em bloco, seguindo-se a listagem de suas referências.

Um quadro geral contendo informações sobre os livros didáticos analisados e a metodologia empregada, por autor, acompanha esta seção.

Uma breve análise contendo recomendações, inclusive com dados sobre medidas semelhantes adotadas em outros países visando à reformulação da imagem da mulher veiculada nos textos escolares, constitui a terceira parte.

* Este trabalho, que agora passa a integrar a série Textos FCC, foi escrito em junho de 1987, circulando nestes dois anos em versões mimeografadas.

** Foram muitas as colaborações recebidas para a execução deste trabalho. Os agradecimentos aqui são extensivos a todas, das quais destacamos:

- a orientação geral e sugestões de Fúlvia Rosemberg;
- a cordialidade prestativa dos bibliotecários e bibliotecárias, e daqueles e daquelas que nos atenderam por correspondência.

1. SISTEMÁTICA DE TRABALHO

1.1 Delimitação Temática

O presente levantamento arrolou exclusivamente obras que, de alguma forma, se refiram à imagem da mulher como é veiculada pelos livros didáticos. Tal delimitação exclui obras que, embora tratando com profundidade de aspectos ideológicos desses materiais, não mencionavam especificamente a representação feminina — como, por exemplo, os livros que tratam de outras discriminações, como as de classe e raça. Também não estão incluídas obras que se referem à imagem da mulher nos meios de comunicação de massa em geral, já que, como pudemos constatar pelo manuseio de fichários e dos próprios trabalhos, os materiais didáticos não são considerados como tal.

Nesta bibliografia arrolaram-se apenas obras de autores e autoras nacionais. Publicações de outros países foram apenas consultadas como referência para a redação das recomendações finais.

Constam aqui sobretudo obras de cunho acadêmico: livros, teses, comunicados de pesquisas, artigos de revistas, depoimentos, comunicações mimeografadas, obras de referência. O julgamento do caráter acadêmico levou em conta a fonte publicadora do estudo, o vínculo acadêmico de suas autoras ou autores e mesmo, em alguns casos, o fato do(a) articulista se apoiar, para a quase totalidade do artigo, em depoimento e/ou estudo de cunho acadêmico (v. 1.2.3).

O período coberto pelo presente levantamento vai de 1970 a 1986. O silêncio quase absoluto a respeito do tema antes da década de 70 justifica o marco inicial. De fato, o interesse pelo assunto só começou a se manifestar a partir do início da Década da Mulher em 1975, como o atestam as datas das obras arroladas. O levantamento

pretendeu se estender até a data mais recente possível. No caso de algumas coleções de periódicos, ou anais de conferências e simpósios, não foi possível chegar ao final de 1986 devido ao atraso, seja no envio de exemplares, seja na publicação das transcrições em tempo útil.

Apesar dessa e de outras dificuldades, entretanto, a frequência com que os autores por nós arrolados se citam mutuamente, ou se referem regularmente às mesmas fontes, leva a crer que a quase totalidade dos trabalhos relativos ao tema estejam aqui registrados.

1.2 Levantamento Bibliográfico

Procedeu-se ao levantamento consultando diretamente as bibliotecas potencialmente mais relevantes para a temática, no âmbito dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Consultaram-se, por correspondência ou por telefone, entidades e/ou pessoas ligadas ao tema em São Paulo e em outros estados, para que indicassem trabalhos, especialmente teses locais de restrita circulação nacional.

As fontes consultadas e os procedimentos empregados foram os que se seguem.

1.2.1 Bibliotecas

A pesquisa efetuada nas bibliotecas seguiu o roteiro habitual: consulta ao índice por assunto, ao arquivo de teses (quando não indexadas por assunto, consultadas ficha por ficha), ao índice de periódicos, e eventualmente, ao índice por autor/título (quando

era o caso de localizar obra especificada em referência bibliográfica anterior) e a outros fichários eventualmente oferecidos, como índice de pesquisas em andamento, pesquisas concluídas etc.

A lista de palavras-chave pesquisadas inclui: DISCRIMINAÇÃO; EDUCAÇÃO-MULHER/ESTEREÓTIPOS/FAMÍLIA (no caso de bibliografias/bibliotecas específicas em Educação); GÊNERO; IDEOLOGIA; IMAGEM; LEITURA/LITERATURA DIDÁTICA/LIVRO DIDÁTICO; LIVRO DE LEITURA; LIVRO TEXTO-MULHER; PAPÉIS SEXUAIS; PAPÉIS SOCIAIS; PRECONCEITO; REPRESENTAÇÕES SOCIAIS; SEXO-DIFERENÇAS DE; SEXISMO; SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO; SISTEMAS DE VALORES; TECNOLOGIA EDUCACIONAL; VALORES. Em obras de referência mais antigas, como o item MULHER não aparece, foram consultados CONDIÇÃO FEMININA e SITUAÇÃO DA MULHER.

Como o trabalho foi coordenado e realizado em São Paulo, a busca foi mais minuciosa nas bibliotecas dessa cidade. Não prevista no projeto — e portanto sem recursos especiais para isso — a ida ao Rio de Janeiro e Niterói foi motivada pela insatisfação com o reduzido número de títulos encontrados até então. Mas, infelizmente, esta busca trouxe pouquíssimos frutos.

A relação das 17 bibliotecas visitadas é a seguinte:

- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS — FCC-SP*.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA — PUC-SP.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — USP: Escola de Comunicação e Artes — ECA; Faculdade de Economia e Administração — FEA; Faculdade de Educação — FE/USP; Departamento de Filosofia e Ciências Sociais — FFLCH; Departamento de Letras — FFLCH; Instituto de Psicologia — IP/USP.

* As siglas aqui mencionadas serão explicitadas a primeira vez que aparecerem.

- UNIVERSIDADE DE CAMPINAS - UNICAMP: Faculdade de Educação - FE; Instituto de Estudos de Linguagem - IEL; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH; Biblioteca Central - BC.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE - Universidade Federal Fluminense - UFF.
- FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV-RJ.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - PUC-RJ.

A Biblioteca da FCC, com seu acervo especializado precisamente nas áreas de Educação e Condição da Mulher, constituiu a principal base de trabalho, sendo a fonte da maioria dos títulos arrolados; raras vezes, em outras bibliotecas, foram localizadas publicações nessas áreas que não pertencessem, também, ao acervo da Fundação.

Das bibliotecas da USP, destaca-se a diversidade no tratamento aos documentos: a "Colméia" das Letras foi a única a fornecer índice das teses por assunto, mas também a mais pobre no que tange ao tema pesquisado: apenas dois títulos - 1 estrangeiro e 1 nacional - sob a palavra-chave LIVRO DIDÁTICO, numa escola em que a maioria das alunas e alunos se licenciam para ser professores(as).

A biblioteca do IP/USP possui 2 fichários de pesquisas - "em andamento" e "concluídas" - no período 1977-1982. Entretanto, os dois títulos interessantes (de 1978 e 1980) (após consulta a todas as fichas) não se encontravam arquivados na biblioteca. Os acervos da ECA e da FE/USP possuem uma certa abundância de títulos vagamente referentes ao tema pesquisado mas, após a leitura, constatava-

-se que o "nosso" tema específico não tinha sido abordado. A consulta ao rol de teses das Ciências Sociais confirmou a suspeitada baixa proporção de trabalhos em Sociologia da Educação, em relação às demais áreas de interesse da Sociologia.

A biblioteca da FEA merece uma menção à parte: embora alheia ao tema, é certamente a mais organizada e dotada de recursos, sendo a única a possuir determinadas coleções de periódicos, ou coleções mais completas dos mesmos.

Na UNICAMP estava se iniciando, por ocasião de nossa visita, projeto de levantamento bibliográfico sobre o livro didático em geral, o que muito facilitou o acesso a títulos de nosso interesse nas bibliotecas setoriais de Educação, Ciências Humanas e do Instituto de Estudos de Linguagem.

No Rio de Janeiro, a FGV-RJ tem, no seu acervo, baixo número de títulos referentes ao tema, embora sedie o IESAE (Instituto de Estudos Avançados em Educação): o fichário por assunto, pesquisadas todas as palavras-chave, remeteu apenas a dois artigos de cunho técnico sobre o livro didático.

A biblioteca da FE da UFF, em Niterói, possui fichados os artigos e obras mais relevantes sobre o tema.

Na UFRJ, a pesquisa foi pouco rendosa. A biblioteca de pós-graduação da Faculdade de Educação tem poucos títulos: sob a palavra-chave MULHER, apenas dois artigos, de autoria norte-americana. A biblioteca da Faculdade de Comunicação, embora mais atualizada do que a da Faculdade de Educação, não foi mais fértil. Em ambas foram consultados, ficha a ficha, os arquivos de teses.

A biblioteca centralizada da PUC-RJ, como sua congênere paulista, facilitou o trabalho da pesquisadora pela sua organização.

A consulta a instituições em outros estados foi feita por correspondência. É a seguinte a lista das 26 bibliotecas consultadas, a quem se solicitaram referências bibliográficas sobre o assunto pesquisado:

Universidades Federais de Alagoas — UFAL, Bahia — UFBA, Ceará — UFC, Brasília — UnB, Espírito Santo — UFES, Goiás — UFGO, Juiz de Fora — UFJF, Maranhão — UFM, Mato Grosso do Sul — UFMS, Minas Gerais — UFMG, Pará — UFPA, Paraíba — UFPB, Paraná — UFPR, Pernambuco — UFPE, Piauí — UFPI, Rio Grande do Norte — UFRN, Rio Grande do Sul — UFRGS, Santa Catarina — UFSC, Santa Maria — UFSM, São Carlos — UFSCar, Sergipe — UFS, Universidade do Amazonas, Fundação Joaquim Nabuco — FUNDAJ, PUC-RIO, PUC-SP e UNICAMP (estas três últimas posteriormente visitadas).

Até o momento da redação desse texto, um total de 10 respostas tinham sido recebidas*. A Biblioteca Central da Universidade de Goiás enviou-nos levantamento feito na BBE** com três títulos de interesse aparente mas que, consultados, não se revelaram pertinentes. Outras cinco respostas referiram de 1 a 10 títulos, infelizmente ou já localizados, ou não pertinentes ao tema (UFAL, UFMG, UFPR, FUNDAJ, PUC-SP). As bibliotecas da UFBA, UFMS e UFSM revelaram nada possuir sobre o assunto.

De uma maneira geral, podemos inferir que a baixa oferta de títulos referentes ao tema, na maioria dos acervos consultados, reflete o pequeno interesse que o assunto suscita nas instituições correspondentes.

* Temos que levar em conta que a greve, que paralisou grande parte dos serviços, da maioria das universidades federais até o início de maio de 1987, deve ter sido, em parte, responsável pelo baixo número de respostas.

** Bibliografia Brasileira de Educação, publicada pelo INEP-MEC.

1.2.2 Obras de Referência

As obras de referência que serviram de ponto de partida foram as bibliografias de âmbito nacional das três áreas afins ao tema: Educação, Comunicação e Ciências Sociais, especialmente a Bibliografia Brasileira de Educação do INEP-MEC. A essas se somaram bibliografias correntes, artigos, boletins ou suplementos bibliográficos específicos, de âmbito local ou regional.

Para a localização de pesquisas e teses foram consultados: os catálogos ou relatórios de instituições financiadoras, sumários produzidos por algumas instituições, as sessões de índice ou resumos de teses nos periódicos pesquisados, além, naturalmente, dos fichários específicos nas bibliotecas visitadas.

As bibliografias citadas nas obras que examinamos também foram fontes de referências importantes para as obras aqui arroladas*.

1.2.3 Pesquisa por Título em Periódicos

A seleção dos periódicos a serem consultados tentou ser o mais abrangente possível. O ponto de partida foi o levantamento bibliométrico feito para a nova fase da BBE por Neri e Alvarado*, que arrolaram uma "Lista Básica de publicações periódicas brasileiras na área de Educação". Os 173 títulos por eles listados foram apresenta-

* Uma relação completa das obras de referência pesquisadas encontra-se em poder do CNDM, à disposição dos interessados.

** NERI, L.A. & ALVARADO, R.U. Lista básica de publicações periódicas brasileiras na área da Educação. Cadernos de Pesquisa (44):81-89, fev. 1983.

dos em ordem decrescente, começando por aquelas coleções que, no período examinado (1978-80), publicaram maior número de artigos na área de Educação. Propusemo-nos a examinar as coleções que apresentaram 3 ou mais artigos, excetuando aquelas que, dada a especificidade da entidade publicadora — áreas jurídica, médica, ciências exatas, comercial, militar etc. — permitiam inferir a total improbabilidade de localizar artigo referente ao nosso tema. Também não puderam ser consultadas algumas coleções de outros estados, não encontradas nas bibliotecas de São Paulo. Inversamente, algumas coleções, que tinham publicado menos de 3 artigos nos 3 anos citados, foram consultadas assim mesmo, dada a relevância da área que abrangem.

Aos setenta títulos assim selecionados, foram adicionados periódicos de vida anterior e posterior (1970-7 e 1981-6) à listagem básica, localizados na Biblioteca Ana Maria Poppovic da FCC, especializada em Educação, e nas demais bibliotecas setoriais visitadas.

Chegamos assim ao total de 110 coleções de periódicos*. Já que raramente se encontram coleções completas numa mesma biblioteca, freqüentemente complementou-se a consulta, em outra biblioteca, aos números ou exemplares não encontrados na primeira. A partir do sumário, selecionaram-se os títulos de artigos que apresentassem indícios de pertinência para serem manuseados e lidos posteriormente. Artigos, ainda que tocando tangencialmente o tema, foram incluídos. Os periódicos foram consultados apenas nas bibliotecas da cidade de São Paulo: dados a não previsão de recursos para a ida a outras cidades e o longo tempo de manuseio que tais periódicos requerem, fora de São Paulo procedeu-se, somente, à busca prioritária de teses e outros trabalhos locais.

* Uma relação completa dos periódicos consultados encontra-se em poder do CNDM à disposição dos interessados.

Periódicos de cunho não-acadêmico não estavam incluídos no projeto deste levantamento. Entretanto, dada a exigüidade de artigos relevantes encontrados, uma busca não sistemática, a partir de referências específicas ou de indicações de pessoas contactadas, foi feita a exemplares de Leia, Mulherio e outras publicações de entidades ligadas à Educação ou à Mulher. Da mesma forma, revistas como Escola e Nova Escola, da Editora Abril, e Interação, do Instituto de Idiomas Yázigi, foram incluídas devido a indicações semelhantes e a sua grande difusão em meio ao professorado.

1.2.4 Contatos com Pessoas e Entidades Envolvidas com o Tema

Além das bibliotecas visitadas ou contactadas por correspondência, entidades, ou mesmo pessoas, envolvidas com o tema — de São Paulo e todo o Brasil — foram consultadas.

Em São Paulo foram visitadas as seguintes instituições ou entrevistadas pessoas a elas ligadas: ANPOCS, APEOESP, CECF, CIM, FAPESP, FLE, Secretaria de Estado da Educação.

Na ANPOCS — Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais — devido à escassez de recursos, o acervo não se encontrava organizado; optamos por consultar a representante do Grupo de Trabalho "Educação e Sociedade", contactada pessoalmente, que revelou desconhecer trabalhos sobre o tema no âmbito da ANPOCS.

Na APEOESP — Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo — fomos informadas da dissolução de um pequeno grupo que tentara fazer avançar, entre o professorado, a discussão da questão da mulher, sem continuidade; o único trabalho a que aludiram foi o da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, referido adiante.

No CECF — Conselho Estadual da Condição Feminina, as comissões de Educação e Cultura forneceram-nos cópia de depoimentos e dossiê seus sobre o assunto, enfatizando a questão da imagem da menina e da mulher negras no material didático.

O acervo do CIM — Centro Informação Mulher — compreende, principalmente, títulos estrangeiros importantes, mas que fogem ao alcance deste levantamento, limitado à produção nacional.

Os relatórios da FAPESP — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — após dificuldades encontradas no contato com a própria entidade, foram finalmente consultados na biblioteca da FEA/USP.

Da FLE — Fundação para o Livro Escolar São Paulo — obtivemos documentos*, produzidos na gestão 83/84, pertinentes ao nosso tema, que integrou as preocupações da entidade como parte do programa de democratização educacional.

Das iniciativas tomadas para a implementação deste programa, duas nos interessam mais de perto. Uma delas é o primeiro número do jornal "O livro nosso de cada dia"**, distribuído a toda rede pública de ensino do Estado de São Paulo, no qual o livro didático é criticado por não assumir "uma linguagem engajada com o ponto de vista da mulher..." (p. 6).

A segunda foi a realização de uma série de cinco Seminários sobre a ideologia no livro didático. Um deles*** discutiu especificamente a questão da imagem feminina nos livros didáticos.

Finalmente, na Secretaria da Educação paulista, a Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional — ATPCE — rela-

* Estes documentos fazem parte do acervo da Biblioteca Clara Luz, órgão da FLE.

** O LIVRO NOSSO DE CADA DIA. São Paulo, FLE, 1(2), 1984.

*** A referência completa pode ser encontrada no item 2.2.1.

tou seus esforços contra 'todas as formas de discriminação', destacando a atuação da Secretaria em 1986 e início de 1987 a respeito da questão da mulher. Do trabalho de 1986 resultou o livro Mulher e Educação, arrolado e resenhado adiante.

Além desses contatos em São Paulo, decidimos consultar os núcleos de estudos sobre a mulher ligados a Universidades de vários pontos do país: dada a importante contribuição que vêm prestando à pesquisa sobre a questão feminina, poderíamos assim ampliar nossas informações sobre estudos feitos em outros centros do país. Por telefone, conversamos com as coordenadoras dos núcleos das universidades federais de Alagoas, Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além da USP, PUC-SP, PUC-RJ e FUNDAJ — Fundação Joaquim Nabuco.

Em regiões nas quais não há um grupo de estudos, constituído como tal, procuramos contatar pessoas ou entidades envolvidas com a questão feminina. Assim, na região norte, conversamos com a Profª Jane Felipe Beltrão, da Universidade Federal do Pará — que nos enviou um trabalho de conclusão do curso de um aluno seu (v. item 2.1). Em Curitiba, o contato foi feito com o Conselho Municipal da Condição Feminina que vem trabalhando na área; e em Goiás, com o CEVAM — Centro de Valorização da Mulher — que vem desenvolvendo um trabalho nas escolas sobre a discriminação sexual no livro didático.

Finalmente, efetuamos um levantamento, no arquivo da FCC, de todos os projetos (premiados ou não) recebidos nos quatro concursos de dotações para pesquisa sobre a mulher no Brasil, promovido pela Fundação Carlos Chagas com o apoio da Fundação Ford. Somente um título sobre a imagem feminina nos livros didáticos foi encontrado, mas como este projeto não recebeu financiamento, ainda não foi concluído.

A segunda parte deste trabalho apresenta as referências bibliográficas levantadas, classificadas em dois grupos. No primeiro arrolamos teses e livros, seguidos de seus respectivos resumos. Nos casos em que a tese foi publicada sob a forma de livro, ambas as referências antecedem o resumo. No segundo estão referidos os artigos e outros textos mimeografados.

2. BIBLIOGRAFIA SOBRE A IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO

2.1 Livros e Teses: apresentação

Numa leitura mais desavisada do material aqui recolhido, tem-se a impressão de estar frente a reflexões esparsas sobre livros didáticos, dada a diversidade teórica, metodológica e política das obras apresentadas.

É como se, abrindo uma cesta, lá encontrássemos retalhos de tamanhos, cores e padrões diversos. Porém, como no tecer de um patch work, tentaremos compor a colcha, resultado final do trabalho de encontrar, em cada retalho, o traço que o harmoniza com os demais. E é através deste trabalho de análise de cada uma das partes, um todo em si mesmas, para a composição de um todo maior, que descobrimos suas semelhanças, complementariedades e contradições. Assim procedendo, podemos desvendar e retrçar os caminhos percorridos pela crítica ideológica ao livro didático, perceber suas lacunas, interpretar sua atuação e antever, e então alterar, seu curso.

Inspiradas nos estudos estrangeiros que, a partir dos anos 70, surgiram para denunciar o tratamento discriminatório dado a mulheres e negros na literatura e nos meios de comunicação, como resul

tado da pressão exercida pelos grupos constituídos em torno das minorias, uma série de teses acadêmicas, analisando o conteúdo de livros didáticos, são produzidas no Brasil, na década 76-86. Tais estudos utilizam a análise de conteúdo como metodologia norteadora na busca das características assumidas pelo preconceito.

A maioria deles (R1, R4, R5, e R9), sob a inspiração dos trabalhos de Boggio et alii (1973) e Bonazzi & Eco (1974), procedem a uma análise qualitativa dos textos onde as observações são agrupadas por temas. É assim que Nosella (R5) privilegia os seguintes temas: família, escola, religião, pátria, ambiente, trabalho, pobres e ricos, virtudes, explicações científicas, índio, enquanto que Rego (R9) agrupa sua análise em torno dos temas: família, escola, pátria, religião e valores morais. A preocupação com a denúncia do sexismo só é detectada quando a análise se detém nos temas família e escola, temas estes tradicionalmente concebidos como os lugares da mulher. Isto é, a própria análise parece impregnada dos viéses ideológicos dos textos analisados. Talvez esta seja, também, a explicação para o fato de estudos* que buscam (em vão) a emergência nos livros didáticos de categorias genéricas como o povo, o cidadão, o negro e o índio, não denunciarem o silêncio em torno da condição feminina. Cumpre aqui ressaltar uma exceção: Telles (1984), ao criticar a visão da História transmitida pelos manuais didáticos de 1º e 2º graus, nota, na conclusão, que os manuais não abordam a questão dos papéis se

* Esses estudos são, respectivamente: Franco (1981), que observa como são enfocadas pelos livros de História do Brasil para o 2º Grau, as categorias POVO e VIOLÊNCIA em dois movimentos insurrecionais do Período Regencial, a Cabanagem e a Balaiada; Höfling (1981), que tem por objetivo captar a concepção de cidadania veiculada aos alunos por livros de Estudos Sociais; Almeida (1987), que estuda o racismo em livros de Estudos Sociais e Moral e Civismo; e Pinto & Myazaki (1985), que verificam o tratamento dado pela escola à questão da diversidade étnica de nossa sociedade, enfocando as etnias indígenas.

xuais: "... a mulher não aparece nos manuais. Mas nem a vida, nem a morte" (p. 147).

O destaque dado nesta apresentação ao tipo de metodologia utilizada nos trabalhos aqui discutidos tem dois objetivos. Primeiro, alertar para o fato de que o instrumental metodológico pode ser usado como uma primeira tentativa de sistematização de critérios para avaliação do conteúdo de materiais didáticos. Ao se munir destas ferramentas, o(a) consumidor(a) de tal literatura terá condições de efetuar uma leitura mais crítica.

Segundo, mostrar a relação entre arsenal metodológico e denúncia da forma assumida pelo preconceito. Os óculos oferecidos pela análise temática de tipo qualitativa permitiram enxergar os traços que delineiam a estereotipia dos papéis femininos, circunscrita ao âmbito dos temas escolhidos. Como resultado, surgem os tipos femininos mais frequentes: a mãe, a professora, a avó, a empregada.

O trabalho de Pinto (R8), ao completar a análise qualitativa com uma análise quantitativa, na qual categorias rigorosamente definidas com base nos pressupostos teóricos, são observadas sistematicamente através de todo o material, mune a pesquisadora dos instrumentos necessários para flagrar a discriminação imbricada na trama do texto. Assim, a denúncia do sexismo não se restringe a certos temas, mas é revelada na própria feitura da personagem — seus comportamentos e sua ilustração — e da estória.

Uma análise de conteúdo quantitativa e qualitativa também é a metodologia utilizada por Ribeiro (R10), merecendo ser ressaltada sua originalidade ao reconstruir os traços, características e atitudes dos personagens através de um levantamento da adjetivação empregada no texto em referência ao sexo dos mesmos.

É importante ressaltar que os estudos aqui arrolados, preocupados com as discriminações veiculadas pelos livros didáticos, têm suas análises incidindo sobre livros nas áreas de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica. Os trabalhos encontrados no decorrer deste levantamento que escolhiam livros de Matemática ou Ciências como objeto de estudo, não se preocupavam com os valores por eles veiculados. É como se, ao se dedicarem às matérias consideradas "exatas" e portanto "neutras", tais livros assumissem a mentalidade imputada a tais disciplinas.

Uma outra linha de pesquisa sobre material didático, pouco representada mas não menos importante, é aquela que tem como preocupação o impacto deste material sobre seu consumidor, o(a) aluno(a). Neste bloco encaixa-se o trabalho de Oliveira (R6) que, embora não tenha essa preocupação como cerne do trabalho, aponta para a influência que a estereotipia dos livros didáticos exerce sobre a redação dos alunos.

A possibilidade enxergada por intelectuais, de atuar propondo mudanças neste quadro, caracteriza a natureza dos trabalhos de Rosemberg & Pinto (R11) e Rosemberg et alii (R12) nos capítulos sobre livro didático.

Um dos modos de atuação proposto, ou seja, o trabalho junto ao(a) professor(a) no sentido de conscientizá-lo(a) sobre os preconceitos e discriminações veiculados pelos livros didáticos, constitui-se no objetivo dos trabalhos de Lins (R3) e Mulher e Educação (R13).

Partindo da denúncia e desembocando numa ação, os trabalhos aqui resenhados construíram o caminho percorrido pela crítica aos valores expressos pelos livros didáticos.

Apresentamos a seguir um quadro sinótico dos principais resultados das pesquisas examinadas.

Esse quadro não é exaustivo: se, por um lado, alguns desses resultados constituem a totalidade das conclusões a que chegaram certos pesquisadores, por outro lado apresentam apenas as conclusões mais gerais de autoras que elaboraram análises mais minuciosas, cujos detalhes não transparecem no quadro.

Sendo panorâmico, tal quadro não poderia mesmo dar conta da profundidade de alguns dos trabalhos, devido à já aludida diversidade tanto dos níveis de análise quanto da metodologia empregada nessas pesquisas.

QUADRO 1: Sinopse dos Resultados

| | Resultados | Autores |
|--|--|--------------|
| Frequência | A imagem do homem branco adulto é tomada como representante da espécie e apanágio da raça humana | Pinto |
| | Personagens Femininas aparecem com menor frequência: | |
| | — nas ilustrações: 19% fem. x 74% masc. | Pinto |
| | — nos textos: 33% fem. x 59% masc. | Oliveira, P. |
| | 12% fem. x 75% masc. | Pinto |
| | A menina negra quase nunca aparece, e a mulher negra aparece menos do que o homem negro | Jesus |
| Ilustração: importância, tratamento estético | Personagens masculinas são majoritárias, segundo outros indicadores de importância além da frequência: predominam grupos masculinos; quando há destaque este é dado mais à personagem masculina; mulheres aparecem menos nos primeiros planos; poucas são ilustradas isoladamente..... | Pinto |
| | O tratamento estético das figuras femininas é mais diferenciado, tanto positiva quanto negativamente; maior percentual de mulheres ilustradas com acessórios domésticos, sobretudo o avental (enquanto homens são ilustrados com acessórios agressivos e profissionais) | Pinto |
| Importância no texto | Personagens femininas são menos elaboradas, mais indeterminadas; personagens masculinas são mais complexas: | |
| | — nenhuma estória, e apenas 8% das estórias gira em torno de personagens femininas | Pinto |
| | — personagens históricas femininas são 5% das mulheres retratadas; | |
| | — personagens famosas femininas, apenas 2% .. | Pinto |
| | Personagens femininas aparecem mais na condição de mortas do que masculinas; estas últimas se desenvolvem e às vezes morrem durante a estória | Pinto |
| | Só duas personagens históricas femininas são citadas: Ana Neri, Princesa Isabel | Faria, Lins |
| Identificação | 51% das personagens femininas não são designadas por nome próprio, mas por sua função familiar | Pinto |
| | Meninas e mulheres negras não recebem nomes, só apelidos frequentemente pejorativos | Jesus |

| | Resultados | Autores |
|----------------------|---|--|
| | Mulher negra só aparece como | |
| | — cozinheira, baiana ou Tia Nastácia | Faria |
| | — preta velha contadora de estórias | Rego |
| | — escrava anônima ou paradigma da Mãe Preta . | Lajolo |
| | Mulher Índia aparece padronizada, sem traços distintivos de suas múltiplidades cultu- rais | Telles |
| Contexto | Personagens femininas são apresentadas quase sempre 'no lar', em contexto interior, domés- tico | Lajolo, Pinto, Rego, Ribeiro |
| Caracterização | Dentre os pares opostos de atributos utiliza- dos para caracterizar as personagens, os me- nos valorizados socialmente são geralmente atribuídos às mulheres e meninas (ex: frágil, ignorante, lenta x forte, sabido, rápido) ... | Eluf, Lajolo, Lins, Pinto, Rego, Ribeiro |
| | Personagem feminina, infantil e adulta é de- sinformada; é sempre ela que pergunta, a per- sonagem masculina é que responde | Eluf, Nosella, Ribeiro |
| | A mulher Índia é apresentada como infantil, sensual, desocupada; ou perversa, promíscua, tola: deixa-se seduzir por um punhado de con- tas de vidro | Telles |
| Comportamento | As personagens femininas são apresentadas com comportamento eminentemente | Eluf, Lajolo, Lins, Pinto, Rego, Ribeiro |
| | — passivo/estático | |
| | na proporção de 50% das personagens femi- ninas | Pinto |
| | — inexpressivo, apático/submisso, servil ... | Ribeiro |
| | — mais afetivo do que as masculinas, expres- sando mais emoções, medo, choro | Pinto, Ribeiro |
| | O homem, mais do que a mulher, tem sucesso, é alvo de homenagens e recompensas | Pinto |
| | Grande parte das mulheres aparece em atitude de respeito para com o mais poderoso, com quem se relaciona através do pedido | Pinto |
| | Personagens femininas não participam de pro- cessos competitivos | Pinto |
| Papéis na família | A imagem do pai é apresentada como sendo | Eluf, Nosella, |
| | — provedor material por excelência | Rego |
| | — organizador do universo familiar, autorida- de, com privilégios | Lins, Nosella, Pinto, Rego |
| | A imagem da mãe aparece predominantemente | |
| | — idealizada, abnegada, sacrificada/már- tir | Faria, Nosella, Rego |
| | — como "um misto de fada, santa e rainha", arcando sozinha com todas as tarefas domés- ticas que, aos olhos dos demais membros da família, aparecem misteriosamente pron- tas | Ribeiro |

| | Resultados | Autores |
|------------|--|---|
| | — expressando afetividade | Nosella, Pinto, Rego |
| | — submissa ao pai | Eluf, Rego |
| | A mulher negra nunca tem família constituída . | Jesus |
| Atividades | A mulher é representada eminentemente em suas funções domésticas: mãe e dona-de casa | Eluf, Faria, Lajolo, Lins, Nosella, Pinto, Rego, Ribeiro |
| | Apenas uma outra ocupação feminina aparece: professora | Faria, Nosella, Rego |
| | Raramente um homem desempenha o papel de professor | Nosella |
| | O diretor de escola é exclusivamente masculino | Eluf, Nosella |
| | Apenas 7% das personagens femininas aparecem nas ilustrações desempenhando atividade profissional | Pinto |
| | Homens aparecem exercendo 136 profissões diferentes, mulheres apenas 26, concentrando-se em ocupações manuais não especializadas e não-manuais de rotina | Pinto |
| | Mulheres sobretudo em ocupações mais mal remuneradas | Lins, Mello |
| | Mulher negra aparece unicamente como empregada doméstica | Jesus |
| | A empregada doméstica aparece sempre como sendo negra | Nosella |
| | Praticamente apenas a personagem masculina desempenha atividades como estudar, pensar, refletir, explorar | Pinto |
| | O trabalho estabelece fronteira entre os mundos masculino e feminino | Ribeiro |
| | A separação dos universos: do <u>dizer</u> feminino x o do <u>fazer</u> masculino | Lajolo |
| Lazer | O lazer infantil é segregado por sexo | Eluf, Mello, Nosella, Ribeiro |
| | O lazer infantil feminino se resume praticamente a auxiliar em tarefas domésticas | Eluf, Lins |
| | O lazer feminino é predominantemente passivo e interior | Ribeiro |
| | O lazer artístico e intelectual é privilégio masculino | Pinto |

Bibliografia citada na apresentação

- ALMEIDA, Mauro W. B. O racismo nos livros didáticos. In: SILVA, Aracy Lopes da (org.). A questão indígena na sala de aula. Subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BOGGIO, Ana et alii. La ideologia en los textos escolares peruanos. Comunicación y Cultura. Buenos Aires (1):102-14, 1973.
- BONAZZI, Maria & ECO, Umberto. Las verdades que mienten. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1974.
- FRANCO, Maria Laura Pugliese Barbosa. História do Brasil: a versão fabricada dos livros didáticos de 2º grau. São Paulo, 1981. [Tese Doutorado - PUC - SP]
- HÖFLING, Eloisa de Mattos. A concepção de cidadania veiculada em livros didáticos de estudos sociais no primeiro grau. Campinas, 1981. [Dissertação de Mestrado - UNICAMP]
- PINTO, Regina Pahim & MYASAKI, Nobue. O índio nas nossas escolas. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1985.
- TELLES, Norma de Abreu. Cartografia brasílis ou: esta história está mal contada. São Paulo, Loyola, 1984.

2.1.1 Resumos

R1 FARIA, Ana Lúcia G. de Ideologia no livro didático. São Paulo, Cortez, 1984.

_____. O trabalho: uma análise da ideologia do livro didático. São Carlos, 1980. mimeo. Diss. (Mestrado) Centro de Educação e Ciências Humanas. Univ. Federal de São Carlos - UFSCar.

Para refletir sobre o papel da educação na nossa sociedade, a autora analisou o conceito de trabalho da forma como é apresentado em livros didáticos, e comparou-o à percepção do trabalho que estudantes revelam em seu discurso. Foram analisados 35 livros de texto da 2ª à 4ª séries do 1º grau, distribuídos entre as áreas de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica, e selecionados dentre os mais vendidos no país em 1977 (19 dos quais integravam a lista do PLIDEF* nesse ano).

Calcada em Marx e autores marxistas, a análise crítica a visão genérica, linear, a-histórica com que o trabalho é apresentado, com uma abundância de exemplos, e destaca "a forma sui generis como a criança, o velho, a mulher e o índio aparecem". A mulher em geral é discriminada, "não aparece como um ser humano normal que trabalha", mas como "mãe, fada, rainha do lar". Entretanto, a conhecida limitação do marxismo ortodoxo para dar conta da questão da mulher leva a autora a não se deter no tema, comentando apenas que a força de trabalho feminina ainda não foi plenamente absorvida.

A autora conclui discutindo o papel da educação, e mais enfaticamente do professor, nessa "escola capitalista, seletiva e

* Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental, do MEC.

classista", com sugestões no sentido de "não segregar o proletário que a frequenta", e de fornecer instrumentos intelectuais "que poderão ajudar o proletariado a lutar contra sua opressão".

R2 LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola.

Rio de Janeiro/Porto Alegre, Globo, 1982.

_____. Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha. São Paulo, 1979. mimeo. Diss. (doutoramento). FFLCH - Univ. de São Paulo - USP.

Nesse estudo, centrado na produção didática de Olavo Bilac em seus arroubos cívicos, a autora consagra um item a família e mulheres. Utiliza as figuras do avô e da avó para ilustrar a diferenciação de universos, o do fazer masculino contraposto ao do dizer feminino; ressalta a estreiteza do horizonte feminino e a reclusão doméstica da mulher na obra do poeta que marcou, de certa forma, os textos didáticos da 1ª República e cujos ecos, segundo a autora, evidenciam os riscos da instrumentalização excessiva de textos literários na educação, comprometendo a formação de um público para a literatura.

R3 LINS, Vera. Os estereótipos sexuais no livro didático.

In: TOLEDO, Regina et alii. A dominação da mulher: os papéis sexuais na educação. Petrópolis, Vozes, 1983.

Redigido a partir de um curso para professoras do 1º grau, ministrado em 1979 no Rio de Janeiro, este 1º caderno do Centro da

Mulher Brasileira — RJ se propõe a atingir um número mais amplo de mulheres. Os vários capítulos apresentam, em linguagem simples e sucinta, o conceito de estereótipos sexuais e a forma como aparecem na família, na escola, na educação sexual, e a maneira como a antropologia desmonta a suposta "inferioridade" feminina.

Sobre a estereotipia nos livros didáticos, Vera Lins examinou títulos de todas as áreas usadas no 1º grau, destacando a quase absoluta ausência feminina nos livros de Estudos Sociais e o confinamento da mulher na família, nos de Educação Moral e Cívica. A partir de um exemplo de uma cartilha, destaca a imagem "limitada e limitante" vinculada pelos L.D., sugerindo alternativas a nível de utilização crítica do material pela professora, de elaboração de material alternativo e de pressão sobre editoras para a recusa de material discriminador.

- R4 MELLO, Ricardo P. Mensagens "Inocentes": um estudo sobre a estruturação e hierarquização de papéis sexuais. Belém, 1986. mimeo. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Departamento de Psicologia, Univ. Federal do Pará. UFPa.

(Embora não se trate de uma tese, o caráter estritamente acadêmico justifica a inclusão deste trabalho neste item.)

Fazendo um apanhado geral do aprendizado de papéis sexuais desde os primeiros anos de vida, passando pelos brinquedos, jogos e pela literatura infantil, o autor lista e comenta as diversas instâncias do sistema escolar em que se reforça ou estimula a diferença de padrões comportamentais entre meninas e meninos. Ao referir-se aos

textos didáticos apóia-se em autoras brasileiras (Eluf, Nosella, Rosenberg) e estrangeiras (Bivar, Belotti), fornecendo apenas alguns exemplos de material didático recente por ele examinado, onde o texto e a imagem evidenciam a divisão de papéis no âmbito das brincadeiras e das profissões.

Finaliza lamentando o relativo silêncio da Psicologia em relação à questão, propondo uma mobilização de quantos se interessem por educação para subverter "uma ordem masculina e um sistema social que nega não só uma vida plena às mulheres (...) mas a milhões de homens".

- R5 NOSELLA, Maria de Lurdes C.D. As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

_____. As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos de leitura das quatro primeiras séries do 1º grau. São Paulo, 1978. mimeo. Diss. (Mestrado) Departamento de Filosofia da Educação. Pontifícia Univ. Católica. PUC-SP.

O mundo sugerido pelos textos didáticos é um mundo imaginário: coerente, justo e belo, contrapõe-se ao mundo real, vivenciado por seus leitores, e deliberadamente mascarado. A autora procede, então, ao desmonte das características imutáveis desse mundo ilusório, destacando a estereotipia, a idealização, a celebração do relacionamento vertical — e do valor do sacrifício — a harmonia, a ausência de problemas.

O material analisado constou de 166 títulos de Comunicação e Expressão, escolhidos por sua utilização em 161 escolas estaduais do Espírito Santo em 1977 (dos quais 80 integravam a lista do PLIDEF), nas quatro primeiras séries do 1º grau.

Através de uma ótica marxista, os textos são decodificados e criticados, agrupados segundo dez temas que, segundo a autora, esgotam seus conteúdos: família, escola, religião, pátria, ambiente, trabalho, pobres e ricos, virtudes, explicações científicas, índio. As figuras da mãe e da professora, sempre idealizadas, são analisadas sob os temas "família" e "escola": a mãe sob o signo da domesticidade e da abnegação, a professora ao mesmo tempo bondosa e repressiva. Outras figuras femininas apontadas são a avó, a tia e a empregada. Há uma alusão à discriminação entre meninos e meninas, quanto a brincadeiras e atividades.

A preocupação sexista, entretanto, não perpassa o restante da análise, não se evidenciando, quer na discussão sobre o trabalho, quer nas referências à representação de outras etnias.

- R6 OLIVEIRA, Maria de Lurdes B. De. A mensagem social do texto infantil: um estudo de redações escolares. São Carlos, 1981. mimeo. Diss. (Mestrado). Centro de Educação e Ciências Humanas. Univ. Federal de São Carlos — UFSCar.

A Educação também pode ser lida, em sua função ideológica, através do que o aluno escreve, como síntese de sua prática escolar. Partindo dessa idéia, a autora analisa o significado social do texto infantil produzido na escola, examinando mais de trezentas redações

de alunos e alunas da 4ª série do 1º grau de uma escola pública, através de técnicas de análise de conteúdo e levando em conta as relações texto-contexto.

Após um exame da condição infantil em nossa sociedade, e de como ela transparece nas redações sobre as relações familiares e o trabalho — com destaque para a figura da mãe e o trabalho da mulher — a autora se volta para o livro didático e, mais especialmente, para o discurso infantil sobre o livro, ressaltando como sua autoridade se mantém, apesar de pequenas críticas inclusive a estereótipos aí veiculados.

Embora só tangencialmente se refira ao tema deste levantamento, esse trabalho se inclui aqui pela pertinência da reflexão, uma vez que a redação escolar reflete (e às vezes questiona) em certa medida — como a própria autora alega — a estereotipia dos livros didáticos.

- R7 OLIVEIRA, Paulo de Tarso. Livros didáticos de leitura e interesses de escolares em leitura. São Paulo, 1972. mimeo. Diss. (Doutoramento). Instituto de Psicologia. Univ. de São Paulo. USP.

Preocupado com os aspectos psicológicos do aprendizado da leitura, o autor examinou livros-texto, consultou por questionário professoras e crianças e entrevistou pais de alunos das primeiras séries do 1º grau.

Após a consulta às escolas públicas de 18 cidades do sul de Minas Gerais (Passos e suas vizinhanças), coletou 34 livros de leitura da 2ª à 4ª séries, dos quais fez uma sucinta análise global e extraiu 1.688 textos para análise de conteúdo.

Nesta análise evidencia a presença de personagens femininas em 33%, contra uma presença masculina em 59% dos textos, mas não se propõe a examinar as implicações disto, aludindo apenas que possa "estar 'retratando' uma sociedade cujas responsabilidades maiores são desempenhadas por homens..." Da consulta às 269 professoras constava uma pergunta sobre a adequação dos livros às meninas e meninos, inferindo das respostas a percepção de que, para as mestras, os livros atendem "igualmente a interesses de ambos os sexos".

De caráter essencialmente descritivo, a massa de informações arroladas deve servir, no entender do autor, para "formar um quadro de referência que saliente vários pontos suscetíveis de futuras investigações".

- R8 PINTO, Regina Pahim. O livro didático e a democratização da escola. São Paulo, 1981. mimeo. Diss. (Mestrado) Departamento de Ciências Sociais, FFLCH. Univ. de São Paulo — USP.

No quadro do desmascaramento da escola como mantenedora das desigualdades sociais, os estudos existentes silenciam quanto a "outras categorias da população que não as definidas em termos de classes sociais". Por outro lado, os textos críticos que denunciam elementos discriminatórios levando em conta sexo, cor etc. raramente situam sua crítica no quadro mais geral da desmistificação da "escola igualitária". Neste trabalho, a autora consegue resgatar a ligação entre essas duas vertentes, inserindo sua análise numa perspectiva histórica.

O livro didático é elemento de eleição para isso por sua materialidade, por sua quase universalidade, mas sobretudo porque é ele que "cristaliza para o aluno (...) o que se deve (ou pode) saber". Através da técnica de análise de conteúdo, a autora procurou detectar, então, a forma como o L.D. contribui para reproduzir uma visão parcial e deturpada das parcelas da população que, "por razões de sexo, cor-etnia, idade e situação social, recebem tratamento diferenciado em nossa sociedade".

Um rigor metodológico ímpar preside à análise, desde a escolha do material, que se constitui dos livros de leitura para a 4ª série do 1º grau, recomendados oficialmente durante o período 1941-76 e selecionados de forma a representar todo o período, com ênfase aos que tiveram mais longa permanência nas listas oficiais, sem deixar de incluir as indicações mais recentes. A amostra final consistiu de 48 títulos, distribuídos ao longo de sete subperíodos de cinco anos cada.

Torna-se imprescindível a leitura do relato do processo adotado para captar a mensagem dos textos e ilustrações: cada passo metodológico é explicado com minúcia e precisão inéditas, que conferem a esse estudo sua importância em relação aos demais (onde nem sempre a representatividade do material escolhido pode ser objetivamente avaliada). Assim, no exame das ilustrações, a autora não se limita apenas à frequência de aparecimento das personagens femininas e masculinas: complementa-a verificando a individualização que a personagem recebe, a composição sexual dos grupos e multidões, do próprio local onde a ilustração aparece, da proeminência da personagem na ilustração, do tratamento estético que recebe. O tipo de trabalho que a personagem aparece desempenhando também recebe atenção sob uma série de itens, que vão desde a própria atividade até os acessórios

que utiliza, com destaque para o avental com que é ilustrada a mulher, mesmo na ausência de qualquer atividade. Os papéis sexuais bipolarizados revelam-se pelos pares opostos de atividade/passividade, agressividade/afetividade, atribuídos a partir da observação do contexto, da movimentação e dos comportamentos emitidos e recebidos pelas personagens.

O tratamento pictórico diferenciado para as personagens femininas e masculinas, com nítida discriminação das primeiras, é assim evidenciado em praticamente todos os itens analisados: além da frequência marcadamente mais elevada de personagens masculinas do que femininas, maior proporção de homens se destaca nos grupos, onde a mulher tende a ocupar posições de menor evidência; há maior proporção de mulheres do que homens "ilustradas de maneira grotesca, em geral gordas, atributo desvalorizado em nosso meio". Quanto à atividade, apenas 7,4% de mulheres aparecem exercendo atividade profissional, sendo as três mais frequentes a de professora, doméstica e lavradora; as três atividades mais desempenhadas por homens são as de guerreiro/policial, explorador e transportador..." O mundo do trabalho é muito mais diversificado para o homem do que para a mulher". Ainda, o homem é representado nas ilustrações em atitude muito mais ativa do que a mulher: 38,5% de homens e 50,4% de mulheres aparecem em atitude completamente passiva.

O tratamento das personagens no texto, por sua vez, é alvo de análise semelhante, com ênfase ao papel desempenhado nas histórias e ao valor atribuído às personagens. A superioridade masculina se reforça e se confirma por todos os indicadores utilizados: a posição de protagonista, a presença nos títulos, a maior complexidade, grau de participação e diferenciação com que as personagens masculinas são brindadas, a própria identificação: mais "homens" do que "mu

lheres" recebem um nome próprio, "enquanto a identidade da mulher se dilui". Mais da metade das personagens femininas é identificada, não por um nome próprio ou apelido, mas pela sua função familiar, ou residualmente por outros atributos (profissões, etnia, um partitivo masculino...).

A minúcia de análise também se estende ao exame das atividades profissionais, onde a mulher exerce menos tipos de profissão, "desempenha as atividades menos valorizadas socialmente, concentrando-se nas ocupações não-manuais de rotina e nas ocupações manuais não especializadas, conseqüentemente no ponto mais baixo da escala social".

Nas 531 estórias analisadas a autora codificou 1423 "comportamentos puros" que, quando estudados para a variável sexo, detalham ainda mais os perfis masculino e feminino representados nos textos, acrescentando aos traços já notados, as dimensões da participação no lazer, expressão de emoção, forma como são avaliados — as mulheres principalmente pelo físico, pelo caráter e pela moral, enquanto os homens pelo trabalho, moral, caráter e posse de bem; o sucesso ou fracasso — em que o homem se destaca; o quase monopólio da vida intelectual pelas personagens masculinas; a forma diferenciada como homens e mulheres exercem e respondem ao poder, solicitam e recebem cooperação, entram em competição ou demonstram religiosidade.

As relações sociais são exaustivamente dissecadas, desde as de parentesco x sexo, em que nuances do relacionamento familiar vêm à tona, às demais interações (de 18 tipos), reafirmando as imagens já delineadas no estudo das personagens: "representações estereotipadas das categorias sociais que muitas vezes não correspondem à realidade".

Vale lembrar que o mesmo tipo de caracterização da discriminação é empreendida pela autora em relação às outras parcelas da população definidas pela cor/etnia e idade.

A autora procedeu ainda à comparação entre os períodos, com a surpreendente constatação de que quase nada mudou nas representações apreendidas no livro didático, em quase quatro décadas (em que a sociedade brasileira mais se modificou). As únicas alterações nos textos se dão no sentido de um empobrecimento, um aumento na indeterminação da categoria social, com menor número de atributos diferenciáveis e variedade de comportamentos nos livros mais recentes; nota-se também uma transformação no conceito implícito de criança, subjacente a essa literatura.

Finalmente, as tendências mais significativas na representação do meio sócio-cultural detectadas no material utilizado são retomadas, com exemplos de textos e ilustrações, abordando a imagem que se procura projetar do país, dos meios rural e urbano, do negro e do índio; dos papéis masculinos e femininos; e é sobretudo através da "caracterização geográfico-política, racial e sexual das personagens" que transparece a limitação do meio sócio-cultural representado, "pela ênfase de apenas alguns segmentos dessa população em detrimento de outros" — o que descaracteriza qualquer processo de democratização.

- R9 REGO, Maria Filomena. O aprendizado da ordem: ideologia nos textos escolares. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981. (Série Universidade — Educação, 16.)

REGO, Maria Filomena. Leituras de Comunicação e Expressão: análise de conteúdo. Rio de Janeiro, 1976. mimeo. Diss. (Mestrado) Departamento de Psicologia da Educação, Instituto de Estudos Avançados em Educação - IESAE. Fund. Getúlio Vargas. FGV-RJ.

A função social dos textos didáticos, entrevista pelas mensagens e representações que veiculam, é o objeto deste estudo, feito a partir de 18 livros de Comunicação e Expressão de 3ª à 4ª séries do 1º grau, adotados pelas escolas de três municípios do interior fluminense em 1975, e integrantes da lista do INELIVRO-RJ desse ano.

Os textos de leitura apresentados nesses livros foram reagrupados em cinco temas básicos mais recorrentes, segundo a autora: família, escola, pátria, religião e valores morais.

Apoiada em exemplos, entremeando o discurso manifesto dos textos com suas observações críticas, a autora vai desvendando o discurso latente, ideológico, aí embutido.

A imagem feminina adulta é analisada sob o tema "família", ressaltando-se a submissão e domesticidade da mãe — à qual se associa, por similitude de atributos e funções, a imagem da professora.

Criticando o simplismo e o caráter extremamente normativo dos textos didáticos, a autora conclui que seus conteúdos destilam uma ideologia que "prega a subordinação, a obediência e a dependência".

R10 RIBEIRO, Zoya Dias. Falas e silêncios no discurso pedagógico dos textos didáticos: análise dos estereótipos comportamentais masculinos e femininos veiculados pelos livros de Comunicação e Expressão - 1º grau. Fortaleza, 1981. mimeo. Diss. (Mestrado) Departamento de Educação. Univ. Federal do Ceará - UFCe.

Eis uma análise rigorosa dos estereótipos comportamentais: as personagens femininas e masculinas, adultas e infantis que aparecem nas imagens e textos dos livros didáticos são examinadas levando-se em conta suas características e atitudes, inclusive através de minucioso levantamento da adjetivação que recebem; e são observadas em suas atitudes, seja de lazer, seja das tarefas e atribuições que exercem. Esse material é tratado de forma qualitativa e quantitativa. A discriminação estereotipada é evidenciada no perfil masculino que recebe inegável valoração positiva, nos estilos lúdicos em que o feminino prima pela passividade, ou na domesticidade preponderante das atribuições femininas.

A autora examinou 36 títulos de Comunicação e Expressão das 4 primeiras séries do 1º grau; aos títulos distribuídos pelo PLIDEF às escolas públicas em 1980, acrescentou outro tanto, dentre os mais usados pelas escolas particulares de Fortaleza nesse ano.

Atenta não só ao discurso explícito do livro texto, mas também aos "silêncios", às omissões, ao discurso implícito, a autora está preocupada em desvendar, além dos femininos, os estereótipos masculinos, já que para o menino são criadas "imagens e figuras igualmente rígidas e imutáveis". Não se trata, pois, de pregar uma simples troca de papéis, mas de repensar os papéis sexuais como um todo na prática educativa - e de repensar todo o processo, da elaboração à utilização dos livros-texto em nossas escolas.

- R11 ROSEMBERG, Fúlvia & PINTO, Regina Pahim. A educação da mulher. São Paulo, CECF/NOBEL, 1985.

Inserido na série de avaliação da Década da Mulher, encerrada em 1985, esse livro monta um quadro geral da situação educacional da brasileira, discutindo sua participação enquanto aluna e professora no sistema formal de ensino.

Um capítulo específico aborda a denúncia do sexismo em material didático de maneira um tanto otimista. A referência às pesquisas efetuadas concentra-se no trabalho de Regina Pinto (R8); entretanto, as autoras acrescentam um balanço das iniciativas, atuações e pressões de feministas e estudiosas nos meios de comunicação e sobre instâncias governamentais, no sentido de sensibilizar sobre a questão, tanto a opinião quanto o público especializado da área: ressaltam as incipientes modificações na literatura infantil, frequentemente utilizada como material para-didático, e deploram a ausência de alterações substanciais no material didático propriamente dito, para a qual aventam hipótese explicativa — concluindo pela necessária morosidade no surgimento de mudanças notáveis, nos livros didáticos na cionais, quanto à discriminação da figura feminina.

- R12 ROSEMBERG, Fúlvia et alii. A educação da mulher no Brasil. São Paulo, Global, 1982 (Série Teses, 8).

Este vasto panorama crítico aborda as questões da educação de mulheres no quadro mais amplo da escolaridade formal brasileira. A complexa questão da relação entre escolarização e nível ocupacional é examinada para além dos estudos de tipo meramente correlacional. Assim, destaca-se o reforço dos modelos sexuais tradicionais na escola e, especificamente, nos materiais didáticos (p. 60-3). A re-

cente produção crítica a respeito é revisada; além disso, as autoras chamam a atenção para a omissão governamental no combate ao material discriminatório, para o quase total silêncio da própria instituição escolar — especialmente a nível superior — sobre a questão feminina, e para a ausência quase absoluta de material alternativo de apoio à professora brasileira.

R13 SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Educação. Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional. Mulher e Educação: o papel da mulher na sociedade (Debate). São Paulo, 1987.

Lançar na Escola o debate sobre o sexismo, sim: mas fornecendo subsídios às professoras. Em 1986, o CNDM/INEP bancaram a produção do material de apoio, as secretarias estaduais de educação distribuíram. A Secretaria de São Paulo reforçou, pediu relatórios sobre o que se fez a respeito, e os recolheu, Silvia Pimentel coordenou a equipe que leu, codificou, analisou, compilou o vasto material recolhido, de que resultou essa obra, que agora é distribuída de volta à rede — novo subsídio?

Trata-se de uma seleção ordenada por temas — cada um precedido de breve análise crítica — dos depoimentos de docentes e discentes, pais e mães, membros da comunidade, às vezes visivelmente chamados pela primeira vez a refletir e se manifestar sobre o papel da mulher na sociedade. Há poucas referências ao sexismo nos materiais didáticos (p. 57) o que por isso mesmo justifica, ao lado da pluralidade das visões do restante do material, da riqueza de inferências que suscita, sua inclusão neste arrolamento que busca a emergência da imagem feminina.

2.2 Artigos e Mimeos: Apresentação

Os artigos e mimeos abaixo arrolados podem ser agrupados em três tipos principais, correspondentes às sucessivas preocupações dominantes desde meados da década de 70.

Nos textos mais antigos, as menções ao tema raramente ultrapassam uma ou duas linhas: apoiadas em referências estrangeiras, os autores e autoras aludem ao tema de passagem (A16, A17, A18), remetem àquelas referências (A1, A29), ou incluem o tema numa lista de itens requerendo reformulação (A15). Esse é o caso, também, dos depoimentos prestados à CPI da Mulher no Senado em 1978, em que tanto Guiomar de Mello quanto Fúlvvia Rosemberg aludem ao tema (numa sequência contendo outros itens) (A19, A26).

Alguns artigos, embora um pouco mais recentes, também se incluem nesse grupo: referem-se aos estereótipos de papéis sexuais veiculados pelos livros didáticos em meio a uma discussão mais ampla sobre a discriminação da mulher (A14) ou sobre guetos ocupacionais femininos — no caso, a profissão de psicóloga (A25, A29).

O segundo grupo de artigos inclui aqueles em que se examinam os conteúdos ideológicos veiculados nos livros-texto, sem privilegiar o sexismo. A maioria é constituída de artigos em que as autoras resumem suas pesquisas que resultaram em tese ou livro. Assim, após breve discussão sobre o processo de comercialização e adoção dos livros didáticos, Franco (A8) aborda os aspectos ideológicos dos mesmos, passando pela estereotipia feminina para deter-se na análise dos livros de História; Rego (A24) e Toledo & Lins (A31) apresentam seus estudos baseados tanto em livros de História, quanto de outras áreas — Comunicação e Expressão, Estudos Sociais, Moral e Cí

vica — cobrindo vários aspectos, inclusive o reforço da estereotipia sexual. Os trabalhos correspondentes, sob a forma de tese ou livro, acham-se referidos e resenhados sob o item 2.1.1 acima. Também referida nesse item, Oliveira (A21) teve sua dissertação transcrita na íntegra no periódico de Educação de seu estado de origem, a Paraíba.

Pinto (A23) faz uma breve revisão precisamente destes e de outros estudos anteriores, inserindo-os na discussão da questão democratização x seletividade da instituição escolar: "embora a questão da seletividade da escola seja muito mais ampla e extrapole os limites da instituição, investigações desse tipo, se bem que de alcance limitado quanto a seu poder explicativo, têm um valor incontestável. Ao explicitar alguns dos mecanismos subjacentes ao processo educacional e a maneira como operam, permitem desvendar muitos fatores que interferem na democratização da escola". Levantando perguntas instigantes e enfatizando o papel do professor no circuito do livro didático, a autora conclui que tais estudos constituem um passo necessário, embora não suficiente, "para se refletir sobre as estratégias que possam levar ao aperfeiçoamento democrático da instituição escolar" (p.28).

Num outro registro, Coimbra (A3) transcreve depoimento de Rui Alves Grillo, da FLE de São Paulo, em que dá recomendações práticas às professoras, visando a seleção adequada da cartilha de alfabetização. Chamando a atenção para a qualidade das ilustrações, denuncia os estereótipos que aí aparecem, lembrando que "é nas ilustrações que se concentra grande parte dos preconceitos veiculados" (p. 40).

O terceiro grupo de treze artigos e mimeos, finalmente, é o que trata especificamente da representação da mulher nos livros di

dáticos. Apenas quatro provêm de periódicos estritamente acadêmicos. Eluf apresenta, em duas comunicações (A5 e A7), os resultados de pesquisa em livros didáticos de Moral e Cívica. Franco (A9) comparece com a transcrição de seu depoimento prestado a um Fórum do CECF-São Paulo em 1983. Apoiada principalmente no trabalho de Pinto (v. 2.1.1), propõe medidas de intervenção na política nacional do livro didático.

O artigo de Pinto (A22) constitui um resumo dos principais resultados a que chegou quanto à discriminação de sexo (ela também examinaria a discriminação de cor/etnia e idade) em sua dissertação de mestrado.

Os demais textos desse grupo ou foram mimeografados, constituindo-se em depoimento ou base para discussão em eventos, ou foram extraídos de periódicos não-acadêmicos, cuja inclusão foi justificada acima (v. 1.2.3). O artigo "Olhos abertos para crescer" (A20), publicado no Em dia com a mulher-1 pelo CNDM/INEP, apoiou-se sobretudo no estudo de Ribeiro (v. 2.1.1) para exortar a uma tomada de posição por parte de professores e professoras, "no sentido de buscar eliminar o preconceito da diferenciação discriminadora" (p. 3).

Igualmente dirigidos às professoras são os artigos dos periódicos Nova Escola e Mulherio (A4 e A2), assim como o de Em dia com a mulher-2 (A12). O primeiro (A4), com título chamativo e enfático, baseou-se nos trabalhos de Maria Luisa Eluf e Silvia C. Franco, ressaltando, numa linguagem acessível, a denúncia da discriminação nos textos e ilustrações e da estereotipia dos papéis sexuais. O segundo (A2) é também um resumo, em linguagem jornalística, do trabalho de Eluf sobre os livros de Moral e Cívica. O artigo de Ilma de Jesus (A12), no periódico do CNDM, trata específica e veementemente da discriminação da mulher negra, "duplamente atingida". A autora in

siste na necessidade do "empenho da classe docente para a não-veiculação desses estereótipos" (p. 2).

Mais dois mimeos da mesma autora incluem-se aqui (A11 e A13), a um dos quais estão anexadas cópias de textos e ilustrações extraídas de livros didáticos, cujo teor discriminatório é brevemente comentado.

Focalizando igualmente uma dupla discriminação de sexo e de cor/etnia, o artigo de Telles (A30), com sugestivo título, chama a atenção para a forma empobrecedora e discriminatória como é tratada a mulher índia nos manuais de História.

Finalmente, o artigo de Rosemberg (A27), em Leia, presta-se bem para concluir esta apresentação. Num texto compacto, denso mas de fácil leitura, a autora faz uma breve revisão de estudos sobre o tema, resume o trabalho realizado por Pinto (v. 2.1.1) e faz um balanço das iniciativas visando a sensibilização, tanto da opinião pública, quanto de órgãos governamentais para o tema. Num quadro a parte, comenta os resultados da atuação governamental em outros países, onde o próprio aparelho de Estado encampou a tarefa de "dessexizar" os materiais didáticos. No Brasil, tendo em vista a divulgação um tanto tardia dessa preocupação e a implantação dos conselhos locais e nacional bastante recentes, além da pouca importância atribuída ao tema pelas autoridades educacionais, a autora prevê mudanças muito lentas: "se assim continuarmos, as netas de Eva ainda estarão lavando as cuequitas de Adão" (p. 44) por um bom tempo. Mas finaliza com um voto de confiança às iniciativas em âmbito estadual e federal que surgiam à época do artigo, início de 1986.

2.2.1 Referências

- A1 BARROSO, Carmen. Diferenças sexuais. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (21):47-60, jun. 1977.
- A2 CHAIM, Celia. Em casa, quem manda é o papai. Mulherio. São Paulo, 1(4), nov./dez., 1981.
- A3 COIMBRA, Oswaldo. Como escolher uma boa cartilha: depoimento de Rui Alves Grilo. Nova Escola. São Paulo, 1(5):36-41, ago. 1986.
- A4 _____. Cuidado! O livro que você adotou pode estar cheio de preconceitos contra a mulher. Nova Escola. São Paulo, 1(1): 54-6, mar. 1986.
- A5 ELUF, Maria Luísa K. O desenvolvimento dos papéis sexuais no livro didático. CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 1, ANAIS. São Paulo, Cortez, 1981. p. 358-9.
- A6 _____. Livro didático eternizando preconceito: ideologia e sexismo. São Paulo, FLE, jul. 1983 (mimeo).
- A7 _____. Papéis sexuais analisados na disciplina Moral e Cívica. Ciência e Cultura, Resumos SBPC, São Paulo, 32(7 supl.):726, jul. 1979.
- A8 FRANCO, Maria Laura B. O livro didático de História do Brasil: algumas questões. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (41): 22-7, maio, 1982.
- A9 FRANCO, Silvia Cintra. Livros didáticos não discriminativos. Ciência e Cultura. São Paulo, 35(10):1573-4, out. 1983.
- A10 GOLDBERG, Maria Amélia Azeredo. Livros para desaprender. Interação. São Paulo, 1(5):32-3, ago./set. 1984.

- A11 JESUS, Ilma F. de. A educação eurocêntrica e seus reflexos na população negra estudante. São Paulo, Palestra proferida no Hospital dos Servidores Públicos, 30 nov. 1986. (mimeo).
- A12 JESUS, Ilma F. de. A imagem da mulher negra no livro didático. Em dia com a mulher. Brasília, (2), mar. 1987.
- A13 _____ & OLIVEIRA, Rachel de. A mulher negra nos livros didáticos. São Paulo, mar. 1986. (mimeo)
- A14 KRAYCHETE, Elsa S. Discriminação e violência contra a Mulher. Cadernos do CEAS. Salvador, (83):71-7, jan./fev. 1983.
- A15 LA ROSA, Jorge. Estereótipos do papel sexual. Psico. Porto Alegre, (15):55-67, jan./jun. 1979.
- A16 LA ROSA, Jorge & BONAMIGO, Eusa M.R. Influência dos estereótipos sexuais na Orientação Educacional. Prospectiva. Porto Alegre, 1(4):39-42, abr. 1979.
- A17 LAFER, Betty M. Meninos e meninas. SERASP. São Paulo, 1(2):32-40, 1975.
- A18 MELLO, Guiomar N. de. Os estereótipos sexuais na escola. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (15):141-4, dez. 1975.
- A19 _____. Depoimento. In: Brasil, Senado Federal. CPI da Mulher. Brasília, 1978. v. 1.
- A20 OLHOS ABERTOS PARA CRESCER. Em dia com a Mulher, Brasília, (1) mar. 1986.
- A21 OLIVEIRA, Maria de Lurdes B. A mensagem social do texto infantil. Cadernos de Educação. João Pessoa, (5), jul. 1981.
- A22 PINTO, Regina Pahim. A imagem da mulher através dos livros didáticos. Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, 43(3/4):125-31, jul./dez. 1982.
- A23 _____. O livro didático: alguns resultados de pesquisa, muitas indagações. ANDE. São Paulo, 1(3):26-8, 1982.

- A24 REGO, Maria Filomena. A didática do poder: da ideologia nos textos escolares. Fórum Educacional. Rio de Janeiro, 6(2): 20-33, abr./jun. 1982.
- A25 ROSEMBERG, Fúlvia. Afinal, por que somos tantas psicólogas? Psicologia — ciência e profissão. Brasília, 4(1):6-12, 1984.
- A26 _____. Depoimento. In: BRASIL, Senado Federal. CPI da mulher. Brasília, 1978. v. 1.
- A27 _____. Enquanto Eva lavava, Adão lia o jornal. Leia. São Paulo, 7:44, mar. 1986.
- A28 _____. A escola e as diferenças sexuais. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (15):78-85, dez. 1975.
- A29 _____. Psicologia, profissão feminina. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (47):32-7, nov. 1983.
- A30 TELLES, Norma. A índia e o olho do branco. Mulherio. São Paulo, 7(27): 06, dez./fev. 1986/7.
- A31 TOLEDO, Regina & LINS, Vera. Estereótipos sexuais na educação. Ciência e Cultura. Resumos. São Paulo, 32(7 supl.):133, 1980.



3. A IMAGEM DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO: SUGESTÕES PARA AÇÃO

As pesquisas aqui arroladas e discutidas flagram e denunciam o sexismo presente e atuante nos livros didáticos. Por trás dessas denúncias está a crença, explícita ou implícita, de que o consumo de materiais sexistas tende a gerar padrões sexistas de comportamento. Em face desta situação, a questão pertinente é: Quais os caminhos a seguir na busca de uma escola onde homens e mulheres possam realizar-se plenamente?

A resposta que mais prontamente se apresenta é a de que a solução está na luta pela modificação do material didático disponível. No entanto, a experiência de alguns países estrangeiros, nos quais esta questão vem sendo debatida e atacada há mais de 10 anos, evidencia a lentidão das mudanças face a ações efetivas.

Rosemberg (A27), em seu artigo "Enquanto Eva lavava, Adão lia o jornal", relata a experiência do governo de Quebeque que, apesar da ação efetiva, não conseguiu uma mudança nas imagens dos papéis sexuais em livros didáticos.

O "Baltimore Feminist Project Report on Sexism and Racism in Elementary School Readers" (Begus, 1973), no qual livros de leitura de quatro editoras são analisados, constatam que, embora a editora Scott, Foresman and Company tenha produzido um guia para mudar a imagem da mulher em livros didáticos, nenhum passo foi dado na direção de eliminar os estereótipos raciais e sexuais de suas próprias publicações.

Isabel Picó, que com Idsa Alegria publicou um guia para a elaboração de materiais didáticos livres de preconceitos (Picó,

1983), reconhece, em seu depoimento no encontro* sobre desigualdades educativas promovido pela UNESCO, que a estratégia que ela chama de substituição, embora ideal, enfrenta obstáculos e não pode se realizar a curto prazo. A estratégia de substituição consiste em tirar de circulação os materiais que, através de análise rigorosa, tratem de maneira estereotipada os sexos, raças, religiões, classes sociais e nacionalidade. Ela sugere, então, a estratégia de suplementação. Quer dizer, aos livros que discriminam por omissão, pode ser juntado um suplemento enfatizando aspectos omitidos em relação ao sexo ou à raça.

Portanto, sem deixar a alternativa da mudança do material de lado, propostas de implementação mais imediata e mais viáveis devem ser buscadas.

Fúlvia Rosenberg, em seu trabalho sobre a educação formal da mulher, constata: "No Brasil, como em outros países do mundo, mesmo subdesenvolvido, a discriminação sexual no plano educacional mudou de rumo; ela não se efetua mais através do impedimento às mulheres de ascenderem ao sistema educativo mas se transferiu para seu interior. Isto é, apesar do avanço notável de acesso à escolaridade, persistem diferenças fundamentais nas trajetórias educacionais de homens e mulheres, caracterizando verdadeiros guetos sexuais, a despeito do princípio da co-educação entre os sexos. Persiste, também, um aproveitamento diferenciado do nível de instrução de homens e de mulheres no mercado de trabalho, seja quanto a sua adequação às oportunidades ocupacionais ou ao rendimento recebido pelo trabalho remunerado. E, finalmente, a escola brasileira continua a reforçar estereó

* Reunión Técnica Regional sobre desigualdades educativas de las jóvenes e mujeres en América Latina y el Caribe. Panamá, 11 al 15 de julio de 1983.

tipos sexuais, não tendo assumido, no seu interior, uma proposta anti-sexista". (Rosemberg, 1987, p. 1-2)

Franco et alii (1985), em pesquisa destinada a verificar quais os critérios utilizados por professores(as) de 1º grau da rede estadual de São Paulo para a escolha do livro didático, constataram que 78% dos(as) professores(as) entrevistados(as) adotam livros didáticos em sua prática cotidiana. Ao serem levados(as) a criticar tais livros, apenas 2,11% apresentaram, como argumento, o fato de que tais materiais veiculam preconceitos e discriminações.

Se o reforço aos estereótipos sexuais exercido pela escola — e os livros didáticos desempenham papel de destaque nesta tarefa — constitui uma das faces assumida, hoje, pela discriminação contra a mulher no âmbito educacional; se o(a) professor(a), agente fundamental do processo educativo, em grande maioria tem o livro didático como o principal material instrucional de apoio a sua aula e, de uma maneira geral, não está alerta para os vieses ideológicos do conteúdo de livros didáticos, evidenciando a inabsorção das denúncias proclamadas pelos trabalhos acadêmicos; então, a discussão sobre o livro didático, os valores por ele transmitidos e o uso que dele faz o(a) professor(a) passa a ser imprescindível para a luta por uma escola efetivamente democrática. Mais ainda, o debate sobre o sexismo no livro didático pode e deve abrir espaço para o debate mais amplo da questão feminina, tanto na escola, quanto na sociedade, funcionando como ponto de partida para a sensibilização dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação instaurado pelo livro didático: escritores(as), editores(as), professores(as), pais, alunos(as) e agências governamentais.

As propostas, aqui feitas, configuram-se muito mais como pontos sugeridos para discussão e reflexão do que recomendações pron

tas, assumindo uma postura de trabalhar nas brechas que, por sua própria ambigüidade, o sistema oferece. A discussão se deterá sobre a pesquisa propriamente dita, a divulgação de seus resultados e a alteração dos materiais disponíveis.

Ao se refletir sobre a pesquisa — passado, presente e futuro — tem-se em mente que dela advirão os subsídios norteadores da ação.

Os trabalhos aqui arrolados dão conta de mostrar as formas assumidas pelo sexismo neste material. Talvez, uma pesquisa que analise livros de ciências e matemática seja importante para completar o quadro. Porém, no âmbito do incentivo à pesquisa acadêmica, o que já foi produzido sobre a análise do conteúdo de livros didáticos parece ser suficiente. O que se faz necessário é a atualização dos dados através da análise dos títulos novos. Este trabalho de atualização, a nosso ver, precisa tornar-se sistemático: um grupo de trabalho que periodicamente proceda à análise dos títulos novos, usando metodologias já estabelecidas, poderá realimentar os estudos já efetuados.

Por outro lado, a pesquisa precisa se voltar para a exploração de outros aspectos do livro didático: ao investigar o uso que dele faz o(a) professor(a), poderemos ter elementos para decidir os rumos de uma atuação junto a este grupo; ao tentar obter informações sobre a visão dos escritores(as)/editores(as) a respeito do livro didático, poderemos descobrir os incentivos possíveis para desencadear uma mudança qualitativa em sua produção; ao detectar o impacto que o livro tem sobre o(a) aluno(a), tarefa extremamente difícil dados os problemas metodológicos, poderemos avaliar a perspectiva e a dimensão das mudanças necessárias.

No entanto, se a intenção primeira é obter dados que subsidiem a ação no sentido da sensibilização para a questão feminina, a ênfase precisa recair, justamente, na avaliação do impacto e da eficácia das intervenções já realizadas. Essa avaliação oferecerá elementos para que se obtenham informações a respeito do tipo de material e da estratégia mais pertinente para se atingir um determinado público. Neste sentido alertamos para o uso recorrente, no país, de materiais de divulgação que se convencionou chamar de cartilhas, sem que se disponha de avaliações sobre seu impacto e eficácia. Parece-nos vivermos o momento em que perguntas como — É a cartilha o meio mais eficiente de chegar-se ao(a) professor(a)? Que vantagens apresenta frente a outros materiais? Quais as preferências dos(as) professores(as) quanto a materiais? — poderiam ser feitas.

O primeiro passo nessa direção parece ser rastrear e mapear as iniciativas que vêm sendo tomadas no sentido da sensibilização do(a) professor(a). Um seminário reunindo os órgãos de classe, os Conselhos da Mulher e os Grupos de Mulheres com trabalhos sobre a questão, parece ser um momento muito oportuno para a troca, e o respectivo registro, das diferentes experiências. A troca dessas experiências trará informações mais seguras a respeito de como estabelecer um canal de comunicação com o(a) professor(a), bem como avaliação das metodologias de sensibilização utilizadas.

Quanto à divulgação das pesquisas, a simples publicação de trabalhos acadêmicos, sem preocupação com a difusão, já se mostrou estratégica ineficaz para fazer chegar os resultados de suas análises aos(às) professores(as) (Franco et alii, 1985), e aos diferentes públicos envolvidos com a questão.

A sensação que fica, após a execução deste levantamento bibliográfico, é a de que há um subaproveitamento das informações obtidas pelos diversos trabalhos aqui incluídos. Há trabalhos que nunca foram publicados, outros que foram publicados em revistas especializadas. Uma maneira interessante de contornar este problema seria produzir uma coletânea dos textos mais significativos.

O resumo dos resultados, apresentado no Quadro 1, teve como objetivo sistematizar as informações com vistas à elaboração de materiais de divulgação. Gostaríamos, aqui, de enfatizar a importância da metodologia utilizada por Pinto (R8), cujos manuais para coleta de dados, contendo categorias muito bem definidas capazes de detectar os traços mais específicos que compõem o perfil das discriminações, poderiam ser transformados em guia de orientação para a análise do conteúdo de livros didáticos. Fica, porém, o desafio de encontrar a forma mais eficiente de disseminação dessas informações, adequando-as aos diferentes públicos a que se dirigem e, também, assegurar a plena distribuição deste material para todos os tipos de entidades multiplicadoras.

As pesquisas longitudinais, citadas neste levantamento, também mostram que o conteúdo dos livros não mudou ao longo de sua existência. Se compararmos a produção de livros didáticos à produção de livros de literatura infanto-juvenil (comumente usados como material paradidático), observamos que, paralelamente à reedição de velhos títulos ou à edição de novos títulos nos quais temas modernos são tratados de acordo com a velha fórmula pedagógica, imbuída de preconceitos, toda uma produção alternativa de livros infanto-juvenis vem se desenvolvendo a partir da década de 70. O imobilismo que cerca a produção didática pode ser, em parte, explicado pelas características peculiares assumidas pelo pólo da recepção deste mate-

rial. Os(as) alunos(as), receptores finais da literatura didática, se constituem em um público cativo na medida em que são levados a consumi-la sem participarem, no entanto, do processo de seleção do livro a ser adotado. O(a) professor(a), intermediário na relação entre produtor e consumidor, também não exerce pressão no sentido de uma mudança, acabando por aceitar o livro didático tal como ele se apresenta.

Nas razões pelas quais o professorado não se constitui em um grupo de pressão residem, a nosso ver, algumas das explicações para o imobilismo da produção de livro didático. Na medida em que uma reflexão aprofundada sobre essas razões exigiria estudo à parte, limitar-nos-emos a levantar um aspecto da questão, não por ser o mais importante, mas por ser o aspecto possível de ser discutido neste momento inicial da reflexão.

É através da escolha efetuada que se abre, ao(ã) professor(a), a possibilidade de atuar sobre a produção, uma vez que a escolha de um certo livro resulta na compra de inúmeros exemplares.

No entanto, a pesquisa de Franco et alii (1985), já citada anteriormente, mostra que a escolha não é resultado de um processo de análise e discussão. Na maioria dos casos (33,7%), o livro é escolhido durante a reunião de planejamento, na qual pouco tempo é deixado para a seleção do livro didático. Seguem esta alternativa, respostas como: o livro já estava escolhido quando o(a) professor(a) chegou à escola (16,9%), e o livro foi adotado porque já é usado há muitos anos (15,2%). Somente 9,8% dos(as) professores(as) entrevistados(as) afirmaram que a seleção decorreu de uma pesquisa e consequente análise, de vários livros.

Atuar no sentido de dar condições materiais e informação teórica para que o(a) professor(a) possa efetuar uma seleção mais

cuidadosa, nos parece ser um ponto importante a ser considerado. Neste sentido, os dias de planejamento podem se converter no momento propício para a discussão sobre o sexismo no material didático.

Mais ainda, a constatação de que o livro didático veicula modelos sexistas e de que nenhuma mudança neste quadro tem sido detectada, e, também, de que a transformação do livro didático é lenta e muito problemática leva-nos à conclusão de que o(a) professor(a) é o(a) principal agente na luta contra o sexismo na escola.

O objetivo, então, é trabalhar com este profissional, sensibilizá-lo e instrumentá-lo para que possa usar o material disponível tal como é, de uma maneira não discriminatória.

Ao voltarmos, então, para o(a) professor(a), precisamos pensar nele(a) em dois momentos diferentes: no momento de sua habilitação e no dia-a-dia de sua prática.

Quanto ao primeiro momento, mais especificamente o do curso universitário, este levantamento bibliográfico nos mostrou algo muito relevante. As bibliotecas consultadas diretamente ou por carta, com raras exceções, não dispõem em seu acervo das obras básicas de análise sobre o conteúdo dos livros didáticos.

Esta situação induz a uma conclusão e sugere duas medidas: induz à conclusão de que, nos cursos de Pedagogia oferecidos por tais universidades, o tema — sexismo em livros didáticos — não é abordado; sugere, primeiramente, que medidas sejam tomadas no sentido de incorporar ao acervo das bibliotecas universitárias, as obras mais importantes sobre a questão; e, em segundo lugar, que a preocupação com a conscientização do(a) professor(a) para com a questão feminina deve estar presente na sua formação: quer no currículo, quer nos livros que utiliza. Uma sugestão seria averiguar, junto ao Ministério da Educação, a possibilidade da inclusão do tópico "sexismo em

livros didáticos" no currículo dos cursos de formação para o magistério e nos cursos de licenciatura.

Chegar ao(ã) professor(a) em sua prática diária parece ser tarefa extremamente importante, mas também muito difícil.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido pelo "Council on Interracial Books for Children" (CIBC), de Nova York, pode servir como exemplo. O conselho se define como "uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1965, dedicada a promover literatura anti-racista e anti-sexista em materiais instrucionais para crianças, do seguinte modo:

1. publicando o Interracial Books for Children Bulletin;
2. patrocinando um concurso anual para escritores inéditos de literatura infantil, provindos de minorias;
3. promovendo cursos sobre racismo e sexismo;
4. fornecendo às instituições educacionais, consultores e especialistas em conscientização;
5. mantendo o Racism and Sexism Resource Center for Educators, que publica livros de referência anuais, monografias, planos de aula, materiais audiovisuais, idealizados para ajudar o professor a eliminar o racismo e o sexismo, e a desenvolver o pluralismo na educação" (What is the council? 1976, contracapa).

O boletim, com uma periodicidade de 8 números por ano, constitui-se em importante veículo de disseminação de informações para professores(as), pais e a comunidade em geral.

Porém, esbarra-se novamente na questão: É esta a forma mais adequada de chegar-se ao(ã) nosso(a) professor(a)?

Mais uma vez através do trabalho de Franco et alii (1985), ficamos sabendo que 44,1% dos(as) professores(as) entrevistados(as)

selecionam o livro didático, que vão adotar, dentre o conjunto de livros enviados, pelo correio ou diretamente em suas casas, pela editora. Como dizem as autoras: "Esse procedimento de 'marketing direto' é, muitas vezes, a única possibilidade de contato dos docentes com lançamentos editoriais" (p. 17).

Sendo a distribuição de exemplares pelas editoras um canal eficiente de comunicação com os(as) professores(as), por que não utilizá-lo para transmitir informações alternativas. Um exemplo de tal uso seria a produção de encartes oferecendo sugestões de como trabalhar, com os(as) alunos(as), as imagens discriminatórias veiculadas pelos próprios livros. Uma vez que o Estado vem se tornando um grande comprador de livros didáticos, teria, nessa qualidade, poder de barganha suficiente para propor às editoras das quais adquire exemplares, a incorporação de tal suplemento nos livros.

Instrumentar o(a) professor(a) não significa esquecer a reivindicação última: a transformação dos materiais didáticos. Para tanto, poder-se-ia atuar no sentido da criação de uma Comissão Mista junto ao Ministério da Educação com o fim de avaliar livros didáticos. Além disso, meios de incentivar a produção de materiais alternativos precisam ser buscados. Como por exemplo, o patrocínio de concursos para a produção de materiais que assumam uma postura de respeito para com as diversidades sexuais, étnicas e culturais.

Ao reconhecer os estereótipos e denunciá-los, estamos somente a meio caminho da coeducação. Como será o livro que substituirá o que aí está? Para esta pergunta as respostas são ainda mais difíceis. E aqui, a reflexão final. A socióloga catalã Maria Subirats, citada no artigo "Muñecas y fútbol" (De Francisco, 1985), alerta para o perigo que corre a coeducação ao tomar a palavra igualdade como

generalização do mundo masculino, e não como a fusão dos valores e concepções do mundo feminino e masculino, ambos, então, valorizados.

Bibliografia citada

- BEGUS, Sarah et alii. Baltimore feminist project report on sexism and racism in elementary school readers. Baltimore, mimeo., 1973.
- DE FRANCISCO, Immaculada. Muñecas y fútbol. Mujeres. Madri, (7):14-7, jun./jul. 1985.
- FRANCO, Maria Laura P. B. et alii. O professor de 1º grau e o livro didático. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1985.
- PICÓ, Isabel & ALEGRIA, Idsa. El Texto libre de prejuicios sexuales y raciales. Guia para la preparación de materiales de enseñanza. Porto Rico, Centro de Investigaciones Sociales Universidad de Puerto Rico, 1983.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: Democratização e desigualdade. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987.
- WHAT is the Council? Interracial Books for Children Bulletin. 7(1), 1976.